



Atividade 1 – A dominação masculina e a violência contra as mulheres: discussão sobre a “Marcha das Vadias” e sobre o caso Geisy Arruda

A Marcha das Vadias (*Slutwalk*, em inglês) é uma manifestação mundial de repúdio à violência contra as mulheres. Foi criada no Canadá, no ano de 2011, após um policial ter afirmado, em uma palestra universitária, que as mulheres deviam evitar se vestir como vadias (*sluts*) para não serem estupradas. A Marcha surgiu para contestar esta declaração e mostrar que as mulheres não são culpadas pela violência sexual da qual são vítimas. A partir daí, o movimento se espalhou por diversos países do mundo, incluindo o Brasil.

O caso Geisy Arruda aconteceu no final do ano de 2009, em um dos *campus* da Uniban, em São Paulo. A estudante Geisy Arruda, que frequentava o primeiro ano do curso de turismo da referida instituição, foi hostilizada por um grupo de centenas de alunos ao aparecer na faculdade usando um vestido curto, tendo que ser escoltada para fora do prédio para não sofrer agressões físicas. O caso repercutiu enormemente na mídia e culminou com a expulsão de Geisy da Uniban.

Objetivos: Por meio da discussão sobre o protesto da Marcha das Vadias e sobre o modo como Geisy Arruda foi hostilizada publicamente por conta de sua roupa, mostrar de que modo a lógica da dominação masculina procura culpar as mulheres pela própria violência à qual são submetidas. As mulheres vítimas de violência muitas vezes são julgadas como “provocadoras”, como as responsáveis pela própria agressão.

A partir da leitura das reportagens e das fotos (as reportagens, por uma questão de tempo, não precisam ser lidas por inteiro, alguns trechos podem ser selecionados), apresentar aos alunos os dois eventos e fomentar a discussão sobre a violência da dominação masculina. **As seguintes questões podem ser respondidas:**

- 1- Qual é o sentido da palavra “vadia”? É semelhante ao da palavra “vadio”? Por quê?
- 2- Por que a afirmação do policial canadense gerou protestos? O que ele quis dizer com tal afirmação?
- 3- De que maneira a Marcha se apropriou do termo “vadia”? Por que os manifestantes optaram por manter o termo utilizado pelo policial?
- 4- Quais são os argumentos dos manifestantes da Marcha? De que forma eles se contrapõem à declaração que gerou a Marcha? O que os manifestantes procuram denunciar?
- 5- Por que mulheres vítimas de violência são muitas vezes consideradas culpadas pelas próprias agressões? Qual é a lógica por trás deste raciocínio?
- 6- Como a agressão sofrida por Geisy Arruda pode ser relacionada à Marcha das Vadias?
- 7- De um lado, Geisy foi julgada como ré, pois, além de ser humilhada publicamente pelos colegas, também foi expulsa da universidade. De outro, Geisy foi defendida com o argumento de que foi vítima de discriminação e de violência machista. Problematicar tal questão, mostrando de que forma a dominação masculina pode ser legitimada e ao mesmo tempo contestada.
- 8- Que argumentos são utilizados pelas pessoas ouvidas pela reportagem para criticar a decisão da Uniban de expulsar Geisy?

Atividade 2 – A dominação masculina no campo da ciência: de que modo a ciência justifica (ou não) as desigualdades entre homens e mulheres?

Ainda hoje, alguns estudos científicos reproduzem a ideia de um determinismo biológico que justifica estereótipos sexuais: de acordo com estes estudos, os corpos (e as mentes) femininos e masculinos são naturalmente diferentes, o que explicaria as desigualdades existentes entre homens e mulheres no contexto social. Esta ideia vem sendo rebatida por diferentes campos científicos desde o final da década de 1970, quando se começou a questionar a suposta “naturalidade” dos papéis sociais impostos a homens e mulheres: “feminino” e “masculino” seriam construções sociais, reforçadas pelos próprios estudos científicos.

Dinâmica utilizada: A partir da leitura das reportagens, refletir sobre as diferentes visões apresentadas, comparando os argumentos da psicóloga evolucionista Susan Pinker com os da neurocientista Cordelia Fine, procurando discutir de que

maneira estas cientistas procuram manter ou combater a lógica que justifica estereótipos “femininos” e “masculinos”.

Responder as seguintes questões:

- 1- Por que Susan Pinker afirma que nem todas as diferenças entre homens e mulheres são construções sociais?
- 2- De que maneira Pinker descreve as mulheres e seus comportamentos durante a entrevista? (Sua argumentação procura questionar ou “naturalizar” estereótipos relativos às mulheres (e aos homens também)?)
- 3- Qual é a crítica de Cordelia Fine aos estudos científicos que afirmam que homens e mulheres são naturalmente diferentes? Que problemas estes estudos apresentam?
- 4- A cientista acredita que existem diferenças de comportamento e de cognição entre homens e mulheres? Se estas diferenças existem, se devem a quais fatores?
- 5- Por que o “neurosexismo” pode ser prejudicial aos cientistas e ao público mais geral? O que pode ser feito para esclarecer melhor as pessoas?
- 6- Quais as diferenças entre as linhas de pesquisa de cada uma das cientistas?
- 7- O que cada uma delas pensa acerca de “evidências científicas”? (Evidências são verdades por si só ou são construídas a partir de uma metodologia e de uma interpretação?)

04/06/2011

Marcha das Vadias leva 300 pessoas para a av. Paulista

RAPHAEL SASSAKI

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Apesar de mais de 6.000 pessoas terem confirmado presença na página do Facebook, a Marcha das Vadias levou somente cerca de 300 pessoas para a praça do Ciclista, entre a av. Paulista com a rua da Consolação, na tarde deste sábado (4). As estimativas são da Polícia Militar.

A manifestação foi a versão brasileira do "Slut Walk", movimento mundial de protesto contra a violência às mulheres, que já foi realizado em várias cidades dos EUA, Canadá e Austrália. Hoje a marcha seria realizada também em Copenhague (Dinamarca), Amsterdã (Holanda) e Estocolmo (Suécia).

O evento foi criado após um representante da polícia do Canadá ter declarado que as mulheres deveriam evitar se vestir como prostitutas para não serem vítimas de estupro.

As declarações causaram revolta e geraram um grande movimento organizado na internet, que começou no início de abril com o protesto de Toronto e já aconteceu até agora em mais de 20 cidades norte-americanas e australianas.

"Não é culpa dos nossos vestidos, salto alto, regatas, saias e afins que todos os dias mulheres são desrespeitadas e agredidas sexualmente, isso é culpa do machismo ainda muito presente na nossa sociedade. As mulheres do mundo estão se unindo!", diz a apresentação do evento no site "Slut Walk Toronto".

Já no movimento de São Paulo, a organizadora do evento, Madô Lopez, diz em seu blog que já foi insultada pelas roupas que usava, em cantadas e gracinhas feitas por homens.

"Chega de sermos recriminadas e discriminadas nas ruas porque usamos saias, *leggings*, regatas, vestidos justos, chega de sermos reprimidas e intimidadas porque somos mulheres, porque somos femininas e porque queremos nos sentir sensuais, bora pras ruas mulherada! Não é porque uso saia que sou puta!", escreve ela.

No site oficial da Slut Walk, a organização diz que historicamente o termo *slut* (puta, vagabunda ou vadia, em português) tem conotação negativa e se tornou ferramenta de acusação grave de caráter.

"Nós estamos cansadas de sermos oprimidas pela palavra 'vagabunda'; de sermos julgadas por nossa sexualidade e de nos sentirmos inseguras como resultado disso. Ter o controle das nossas vidas sexuais não significa que nós estamos abertas à violência e ao abuso, mesmo que façamos sexo por prazer ou trabalho. Ninguém deveria comparar gostar de sexo com atrair abuso sexual."

A manifestação também está marcada para acontecer em Belo Horizonte (MG) no dia 18, à partir das 13 horas, saindo da Praça da Rodoviária.

Respeito é sexy - Marcha das Vadias em Vancouver

Autora do blog *Escreva Lola Escreva*, um dos blogs feministas mais conhecidos do Brasil, **Lola Aronovich**, 43, argentina naturalizada brasileira que há um ano e meio mora no Ceará, é professora da UFC (Universidade Federal do Ceará) e cronista de cinema. Para ela, o tema em si já é muito polêmico, principalmente a escolha do nome. "Eu acho muito difícil ser possível reapropriar o significado de um nome. Mas ao mesmo tempo eu entendo totalmente o propósito da Marcha, que é contestar a afirmação feita pelo policial lá em Toronto. A verdade é que a visão geral diz que quem tem que se preocupar é a vítima! É a mulher que tem que aprender a não ser estuprada, não o homem que tem que aprender a não estuprar, a gente ouve isso toda hora. Quando ouvimos falar em estupro, a primeira coisa que perguntamos é 'mas o que ela estava vestindo, onde ela tava ou que horas eram?'. Tudo sempre relacionado à postura da vítima. Então a gente fazendo a Marcha pode muito bem conscientizar algumas pessoas que todo o assunto 'estupro' está muito mal discutido.", explica.

Pelo mundo

A primeira **Slut Walk** aconteceu no início de maio no Canadá, e se espalhou pelo mundo. As mulheres da Argentina, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda e Nova Zelândia já deram seu grito contra o conceito machista de que a mulher pediu pra ser estuprada. Podemos garantir que nenhuma de nós faria este tipo de pedido. No próximo sábado, dia 4, a passeata acontece em São Paulo, Los Angeles, Chicago, Edmonton, Estocolmo, Amsterdã e Edimburgo. E no dia 18 de junho em Belo Horizonte.

08/11/2009

Ministra condena medida e diz que expulsão de aluna é intolerância

da Agência Brasil da Folha Online

A ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, afirmou neste domingo que vai cobrar da Uniban explicações sobre a decisão de expulsar a aluna Geisy Arruda, que usou um microvestido e foi hostilizada no dia 22 de outubro.

Nilcéa condenou a decisão e disse que a atitude demonstra "absoluta intolerância e discriminação". "Isso é um absurdo. A estudante passou de vítima a ré. Se a universidade acha que deve estabelecer padrões de vestimenta adequados, deve avisar a seus alunos claramente quais são esses padrões."

Segundo a ministra, a ouvidoria da secretaria já havia solicitado à Uniban explicações sobre o caso, inclusive perguntando quais medidas teriam sido tomadas contra os estudantes que hostilizaram a moça. Nesta segunda-feira (9), ela deve publicar nota condenando a expulsão e provocando outros órgãos de governo, como o Ministério Público Federal e o Ministério da Educação, a se posicionarem.

Seminário

As cerca de 300 participantes do seminário "A mulher e a mídia", do qual Nilcéa participou, decidiram divulgar moção de repúdio à universidade pela expulsão. A decisão da Uniban também foi reprovada pela deputada federal Luiza Erundina (PSBSP), uma das participantes do seminário. Segundo a deputada, a expulsão de Geisy não se justifica e parte de um "moralismo idiota". "Mesmo que ela fosse uma prostituta, qual seria o problema da roupa? Temos que ter tolerância com a decisão e postura de cada um", afirmou Erundina.

A socióloga e diretora do Instituto Patrícia Galvão, Fátima Pacheco, questionou o argumento da universidade de que a aluna "teria tido uma postura incompatível com o ambiente acadêmico", conforme diz a nota da Uniban. "Ela não infringiu nada. Ela estava vestida do jeito que gosta, da maneira que acha adequado para seu o corpo e a interpretação do abuso, da falta de etiqueta, é uma interpretação que não tem sentido", disse Fátima

"É uma reação à mulher e à autonomia sobre o seu corpo. Não se faz isso com rapazes sem camisa, com cueca para fora ou calças rasgadas", completou a socióloga. Para a psicóloga Rachel Moreno, do Observatório da Mulher, a reação dos estudantes e da universidade refletem posições contraditórias e "hipócritas" da sociedade em relação à mulher. "Por um lado, a nossa cultura diz que a mulher tem que valorizar o corpo, afinal de contas, tem que ser bonita, gostosa, e tem que se mostrar. Por outro lado, a mulher é punida quando assume tudo isso com tranquilidade." O Movimento Feminista de São Paulo prepara manifestação para esta segunda (9), às 18h, em frente à Uniban. Na convocação, o movimento pede que as manifestantes compareçam usando minissaias ou vestidos curtos.

Anúncio

No anúncio em que divulgou a expulsão da aluna, a universidade afirma que ela frequentava a unidade com trajés inadequados "indicando uma postura incompatível com o ambiente". A nota diz ainda que "a atitude provocativa da aluna buscou chamar a atenção para si por conta de gestos e modos de se expressar, o que resultou numa reação coletiva de defesa do ambiente escolar".

Geisy afirmou à **Folha Online** neste sábado (7) que a decisão da universidade é absurda. "Eu fui a vítima. Como que eu posso ser expulsa? A vítima é expulsa da faculdade?" O advogado da universitária, Nehemias Melo, disse que ainda não foi notificado pela universidade a respeito da expulsão. "Fui informado pela imprensa. Lendo a nota, fiquei perplexo. Estou atordoado."

Educadores, advogados e entidades de defesa das mulheres também criticaram a decisão.

21/03/2010

Mulher é mais feliz quando reconhece diferenças de gênero, diz cientista

RICARDO MIOTO da Folha de S.Paulo

Após abandonar o feminismo, a psicóloga Susan Pinker adotou um novo olhar sobre as diferenças biológicas que existem entre os sexos. Para ela, o movimento foi bom por ter dado liberdade de escolha às mulheres, mas errou ao afirmar que todas as distinções de gênero eram socialmente construídas. Em seu novo livro, "O Paradoxo Sexual", ela defende que salários de homens costumam ser maiores hoje não por discriminação no mercado, mas porque eles priorizam mais isso. Professora da Universidade McGill, de Montréal, a canadense Susan Pinker segue a mesma linha de pesquisa que seu irmão Steven. Ambos buscam entender a mente humana no contexto da evolução. Em entrevista à Folha, ela conta por que sente pena de Lawrence Summers, reitor da Universidade Harvard que perdeu o cargo acusado de machismo.

Folha - Seu livro fala sobre mulheres em empregos com bons salários, mas que as afastavam dos filhos, tornando-as infelizes. Por que elas quiseram anonimato?

Susan Pinker - Acho que as mulheres que fazem essa escolha ainda estão envergonhadas de não estar agindo como homens. Mas não podemos esperar isso delas. Elas não são homens.

Folha - Como assim?

Pinker - Existe a expectativa, no Ocidente, de que mulheres devem voltar a trabalhar normalmente quando seus filhos ainda são pequenos sem que se sintam mal por isso. Mas essa angústia tem razões biológicas. Se você der liberdade de escolha, mulheres vão querer trabalhar menos enquanto seus filhos forem novos. Na América do Norte e na Europa, entre as empresas que oferecem aos seus funcionários trabalhos em meio período, 89% dos que aceitam são mulheres. Isso oferece às mulheres mais tempo não só para os seus filhos, mas para seus outros interesses.

Folha - Ganhar um salário menor é o preço que as mulheres pagam para satisfazer seus sentimentos?

Pinker- Sim. Fui entrevistada por uma jornalista na Holanda, onde há leis que dizem que, se você quer trabalhar só meio período, não pode ser demitido. A maioria das mulheres na Holanda não trabalham o dia inteiro, tendo filhos ou não. Essa jornalista trabalhava só quatro dias por semana. Ela dedicava as sextas para tocar piano, e achava que não seria feliz sem isso. Então não se trata apenas de cuidar dos filhos, mas também de ter uma vida mais equilibrada. Para as mulheres, a vida não é apenas trabalho, salário e promoções, ao contrário do que pensam muitos homens, que acham que tudo isso vale a pena quando compram um novo carro. Incomoda a muitos deles pensar que outras pessoas estão ganhando mais dinheiro, que moram em um lugar mais legal. São mais competitivos, gostam mais de assumir riscos. Não todos, mas eu diria que 75% dos homens são assim.

Folha - Ou seja, não é regra.

Pinker - Eu sempre deixo claro que cada pessoa é um indivíduo único. Ciência é estatística, pessoas são únicas. Então, quando você estuda ciência, está analisando probabilidades. Sempre existirão exceções. Compare com a altura. Em geral, homens são mais altos, mas existem várias mulheres mais altas do que muitos homens.

Folha - Mas ainda existe muita resistência à ideia de que as diferenças entre os gêneros não são apenas socialmente construídas.

Pinker - As mulheres foram discriminadas por tanto tempo que as pessoas têm uma aversão à ideia de que existe uma diferença natural, biológica. Achem que falar sobre diferenças é voltar a pensar como antigamente, quando, na verdade, não tem nada a ver com discriminação. É bobo ignorar as evidências científicas porque você tem medo do que elas vão dizer.

Folha - Mas pode soar como "acabou a festa, todas de volta para a cozinha, os afazeres domésticos"...

Pinker - Estou muito longe dessa mensagem. O que acontece de bom quando as mulheres aceitam que existem diferenças biológicas naturais é que elas se sentem muito menos isoladas com seus sentimentos. Se ignoramos as diferenças, estamos forçando mulheres a assumir cargos e trabalhos nos quais boa parte delas não serão felizes, talvez como executivas ou engenheiras. Muitas mulheres me disseram: "Graças a Deus você fez esse livro. Eu achava inaceitável aquilo que eu sentia". É difícil para elas gostar de trabalhar com pessoas, mas saber que empregos assim não são tão bem pagos quanto os que envolvem lidar com "coisas", como engenharia. A maioria das mulheres gostam de trabalhos como assistência social, pedagogia, profissões na área de saúde, mas salários nessas áreas costumam ser menores.

Folha - Mas, se as mulheres gostam de áreas que pagam menos, não há nada a fazer, então?

Pinker - Precisamos remunerar melhor as mulheres pelos trabalhos que elas preferem. Ou seja, começarmos a pagar aos professores tanto quanto pagamos aos engenheiros. Muitas mulheres esperam que as suas conquistas sejam reconhecidas sem que tenham de pedir aumentos. E, por isso, têm menos chances de ver os seus salários subindo. Se eu sou um chefe e recebo um homem em meu escritório dizendo "veja o que estou fazendo, eu mereço um salário maior", tenho mais propensão a oferecer um aumento a ele do que a outra pessoa que faz o seu trabalho sem reclamar.

Folha - O que a sra. pensava sobre as diferenças de gênero quando era jovem? Leu Simone de Beauvoir?

Pinker - Sim, claro, como todo mundo naquela época. Estamos em um ponto alto do movimento feminista. Quando eu estava na universidade, no final dos anos 1970 e começo dos 1980, a expectativa era que homens e mulheres fossem idênticos, que nós deveríamos fazer as mesmas coisas, trabalhar a mesma quantidade de horas, no mesmo tipo de emprego, ter o mesmo tipo de vínculo emocional com o trabalho doméstico e com as outras pessoas. Eu acreditava muito nisso, li todos os livros das principais feministas. Foi só quando eu fui trabalhar e quando meus filhos nasceram que percebi que havia um buraco entre a minha abordagem intelectual do assunto e os meus sentimentos.

Folha - Então deveríamos agora esquecer "O Segundo Sexo" [livro de Simone de Beauvoir, de 1949, marco do feminismo]?

Pinker - "O Segundo Sexo" era interessante em sua época, mas está ultrapassado. A ciência avançou muito desde então. Não tínhamos ressonância magnética nem o mapeamento do genoma humano, não sabíamos metade do que sabemos hoje. Hoje estamos entendendo como os hormônios afetam os comportamentos humanos.

Folha - Como foi a experiência da sra. em um kibutz?

Pinker - Eu tinha 19 anos e fiquei um ano num kibutz porque eu era socialista. Era um lugar interessante para perder noções irrealistas. Existiam trabalhos que a maioria das mulheres não queriam fazer, que exigiam muito esforço físico ou eram perigosos. Existia uma divisão natural de trabalhos por sexo, ainda que os kibutzim tivessem sido planejados para que isso não existisse.

Folha - Quando Summers perdeu o cargo em Harvard após dizer que a falta de mulheres em ciência é questão de aptidão, o que a sra. pensou?

Pinker - Foi assustador, porque eu tinha acabado de decidir escrever o meu livro quando vi o que aconteceu a esse pobre homem. Ele foi atacado simplesmente por comentar as evidências que a maioria das pessoas que trabalham com biologia e antropologia evolutiva vêm dizendo há anos.

Matéria da revista Planeta, edição de novembro de 2010

Neurosexismo - O cérebro é masculino ou feminino? A neurocientista Cordelia Fine mostra que muitos estudos a respeito das diferenças dos cérebros de homens e mulheres podem ter sido mal interpretados para justificar um fato social conhecido há muito tempo: a diferença de gênero

Para muitas pessoas, homens e mulheres são diferentes, e não só fisicamente. Estudos recentes, popularizados por incontáveis livros, jornais e revistas, difundiram a imagem de que elas são, por características cerebrais, mais sensíveis e

empáticas, enquanto eles, mais racionais, exibem superioridade nas ciências exatas. A neurocientista australiana Cordelia Fine, no entanto, critica o uso da ciência para justificar essa visão. De acordo com ela, esses estudos que comprovam a diferença de gênero contêm falhas metodológicas e interpretações equivocadas que a levaram a criar um neologismo: “neurosexismo”, ou o conjunto de situações em que a neurociência é (mal) utilizada para justificar estereótipos de gênero.

Recentemente, Cordelia publicou o livro *Delusions of Gender: The Real Science Behind Sex Differences* (Ilusões de Gênero – A Verdadeira Ciência por Trás da Diferença Sexual, em tradução livre), no qual faz um alerta sobre como a neurociência pode se transformar em “neuro-sem-sentido” quando não possui rigor metodológico ou é mal interpretada. “Uso o termo neurosexismo para me referir a situações em que as pessoas superinterpretam, interpretam mal ou até constroem a neurociência como forma de disfarçar os estereótipos de gênero”, afirma. Cordelia explica no livro que “queria tornar a ciência real sobre a diferença de gênero acessível e mostrar que é muito mais complicada e interessante do que somos induzidos a pensar”. Ela deseja acabar com a crença, estimulada por best-sellers como *Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus*, do escritor norte-americano John Gray, de que é inútil esperar por uma “igualdade de gênero”, porque a ciência apontou diferenças inatas entre os sexos. “Se o livro também incentivar um debate sobre como melhorar a produção científica e a transmissão de informação sobre o assunto, então, estarei muito contente”, declara.

É difícil determinar com precisão o nível de testosterona fetal no útero para saber o grau de influência que o hormônio terá na formação cerebral do bebê. O ponto central abordado por Cordelia é o uso equivocado da neurociência para justificar a questão de gênero. Por se referirem a um campo novo, as pesquisas neurocientíficas precisam ser mais bem estudadas. “Certamente, há diferença sexual de cognição e comportamento, mas o que é interessante é que ela pode aumentar, diminuir, desaparecer e mesmo ser revertida, dependendo do contexto social, ou do país, ou do período histórico”, avalia. A neurocientista crítica diversos estudos muito populares que oferecem respaldo ao neurosexismo. Eles surgiram, em parte, como uma reação à ênfase que os psicólogos deram à importância do meio no desenvolvimento das habilidades e da personalidade durante os anos 1970 e o início da década de 1980. A resposta científica resultou, então, num peso exagerado para a influência dos genes e das habilidades herdadas.

Um desses estudos é sobre como os hormônios influenciam no comportamento e, em contato com o feto, podem determinar sua estrutura cerebral – e, conseqüentemente, seu padrão comportamental. A médica norte-americana Louann Brizendine, autora do bestseller *Como as Mulheres Pensam*, defende, por exemplo, que a testosterona que interage com o feto masculino por volta da oitava semana de gestação responde pelo desenvolvimento e pela inibição de algumas áreas do cérebro, como as relacionadas à agressividade e à comunicação, que dão aos homens habilidades matemáticas com as quais nos habituamos a associá-los.

Ambiente e contexto histórico influenciam no comportamento: hoje, mulheres atuam em áreas “masculinas” e homens executam tarefas domésticas

Cordelia retruca, porém, assinalando que o comportamento característico e a diferença de sexo têm muito mais a ver com a socialização das crianças do que com a testosterona fetal. Segundo ela, os métodos de medição hormonal durante a gestação ainda não são exatos. Além disso, se houvesse habilidades inatas de homens e mulheres derivadas da estrutura cerebral, isso implicaria indivíduos seguindo carreiras de acordo com essa aptidão natural. No entanto, hoje há mulheres na área de exatas e em outros campos antes exclusivos dos homens, como o jornalismo esportivo. “Certamente, os hormônios influenciam nosso comportamento, mas o comportamento também influencia os hormônios”, afirma Cordelia. Para ela, embora estejamos habituados a achar que, por conta dos hormônios, é natural que os homens sejam menos ligados à vida doméstica, o estímulo do ambiente pode levar a mudanças hormonais. “[Em seu estudo, a psicóloga norte-americana] Francine Deutsch descobriu que pais que dividem as tarefas igualmente com as esposas desenvolveram um tipo de proximidade com os filhos que normalmente associamos às mães”, escreve a neurocientista.

A vulnerabilidade das neuroimagens

Um tipo de estudo que merece atenção especial de Cordelia no livro é o que usa neuroimagens, como ressonância magnética funcional (fMRI, em inglês) e tomografia por emissão de pósitrons (PET, em inglês). Segundo a neurocientista, o atual entusiasmo com as pesquisas baseadas nesse recurso pode levar a descobertas superficiais sobre diferença de sexo. Cordelia argumenta que, por esses exames de imagem cerebral serem muito caros, o número de participantes é limitado. Logo, a baixa amostragem pode levar a resultados duvidosos, já que pequenas variáveis, como café e taxa respiratória, podem alterar a imagem, sem que tenham algum efeito significativo no comportamento. A cientista australiana observa ainda que, pelo fato de a neurociência ser uma área nova, seu uso gera controvérsias. Muitos especialistas defendem que a análise estatística baseada nessas imagens deve ser feita com mais rigor. Segundo eles, muitos estudos recentes sobre diferença sexual na ativação cerebral não possuem, por exemplo, um dado estatístico relevante, ou podem mudar, dependendo do método de análise. “Por essas razões, é essencial não apostar muito em um único estudo que aponte diferenças sexuais, mas tentar encontrar um padrão consistente”, analisa Cordelia.